

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal da Tarde (S.P.)

Class.: 327

Data 3 de novembro de 1984

Pg.: \_\_\_\_\_

### ÍNDIOS

"A Sociedade Xavante", do ensaísta David Maybury-Lewis, da Universidade de Harvard, é uma obra que conduz a reflexões sobre uma cultura ameaçada: E que, em certos momentos, chega até a emocionar.

Até meados do século XIX, os Xavante viviam no norte de Goiás, entre o Tocantins e o Araguaia. Esta região, assim como a maior parte do Planalto Central, era ocupada por tribos da família lingüística Jê. Entretanto, devido a problemas com colonos, já em fins do século passado, os Xavante dirigiram-se ao sudoeste, fixando-se, desde então, no Mato Grosso.

O livro *A Sociedade Xavante*, de David Maybury-Lewis, apresenta uma análise profunda da estrutura social desta comunidade. Trata-se de um dos trabalhos pioneiros entre os modernos estudos das sociedades tribais brasileiras. O autor, professor da Universidade de Harvard, conviveu com os Xavante, para realizar suas pesquisas, nos anos 1958 até 1964. Seu trabalho foi originalmente publicado, em 1974, sob o título *Akwê-Shavante Society*, pela Oxford University Press. Agora, traduzido para o português pela professora Aracy Lopes da Silva, da USP, está sendo lançado pela Editora Francisco Alves (400 páginas), com prefácio, à edição brasileira, de David Maybury-Lewis, e apresentação do professor Roberto Da Matta.

É uma obra que, devido à amplitude de suas análises e à clareza com que foi escrita, agrada tanto o especialista quanto o leigo que também esteja interessado no assunto. A base teórico-metodológica, de que o ensaísta se serviu para desenvolver o trabalho, está centrada na análise estrutural. Diferente, porém, do estruturalismo de Lévi-Strauss e seus seguidores, como podemos perceber, em vários momentos do livro, quando David Maybury-Lewis procura defender seu método de interpretação.

Uma curiosidade natural do leitor, quando se propõe a ler um trabalho que versa sobre sociedades tribais brasileiras, é saber como ocorreu a trajetória da pesquisa de campo. Felizmente, o ensaísta não esqueceu de incluir esse dado na exposição de seu estudo. Dedicou-lhe uma longa introdução, descrevendo, detalhadamente, o processo por que passou para superar as dificuldades primárias, no momento de se integrar, efetivamente, no meio social que se propôs conhecer.

Na parte em que investiga as atividades de subsistência, no que tange à alimentação, o autor revela a importância de quatro itens: caça, coleta, agricultura e pesca. A caça vai desde antas e veados até aves. A coleta é constituída por raízes, cocos e frutas. Já a agricultura não é muito eficiente, porque os Xavante consideram tal tipo de trabalho enfadonho e, também, não são pressionados pela necessidade de complementar sua dieta abundante, com produtos cultivados. Quanto à pesca, não apreciavam essa atividade. Porém, após a introdução, entre eles, da linha de nylon e do anzol de metal, tornaram-se pescadores apaixonados.

A relação de afetividade entre este povo Jê é algo que merece ser destacado. Há vários aspectos narrados pelo autor que chegam até a emocionar. É o caso, por exemplo, do relacionamento dos adultos com as crianças. Entretanto, para compreender tal situação é preciso conhecer como se estruturam os Xavante em termos de status de faixa etária. O sistema de classes de idade, que lá situa o indivíduo na sociedade, é minuciosamente analisado no livro, apresentando implicações sociais das fases em que está dividida a vida na comunidade.

De fato, todos os aspectos fundamentais do cotidiano deste povo Jê só podem ser avaliados caso se entenda a sua estrutura social, ou seja, as categorias políticas, econômicas e sociais de formação. Assim, por exemplo, no que diz respeito ao casamento Xavante, só é possível compreendê-lo como um processo — não como um ato — que implica três fases distintas, à medida que se conhece a forma do habitat, o sistema político, o sistema de parentesco e o sistema de classes de idade da comunidade.



O sistema político dos Xavante também é analisado pelo ensaísta. As facções competem pelo poder, pelo prestígio e, também, pela chefia. Quando o poder está dividido de modo equilibrado, é possível haver mais de um chefe. E tal situação é aceita com a maior naturalidade, pois reconhecem o fato de homens influentes disputarem o direito de ser vistos como chefes. Aliás, essa é a única forma de legitimidade política entre eles. Ou seja, um chefe é reconhecido como tal enquanto é o cabeça de uma facção forte. Caso sua facção não consiga mais mantê-lo nessa posição, ele, imediatamente, perde o direito de comando. O que realmente identifica o chefe, na sua posição, é o fato de ser um líder. Assim, nesta sociedade, nem todos os líderes são chefes, porém todos os chefes são, realmente, líderes.

A *Sociedade Xavante* é um estudo que merece ser lido e refletido, a nosso ver, por vários motivos. Além de levantar questões fundamentais da teoria antropológica no campo científico, faz com que se pense sobre os males da aculturação desenfreada, que está aniquilando o que há de mais brasileiro em nossa terra. Mostra, também, um tipo de sociedade que soube firmar um acordo leal com a natureza. E pôde colher os seus frutos enquanto os "civilizados" permitiram.

Sérgio Amad Costa